

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

2ª SÉRIE

1º BIMESTRE

AUTORIA

RENATA RIBEIRO DA SILVA

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

O romance *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, foi publicado em 1875, quando se intensificavam os debates sobre a abolição da escravidão. Por sua ampla repercussão social, o romance foi importante como reforço da campanha abolicionista. O sistema escravocrata desumanizava as pessoas, transformava seres humanos em mercadorias, passando por cima de valores ético e morais e desconsideravam afetos e sentimentos – a beleza e submissão de Isaura só tornavam o drama mais agudo. A obra, cuja ação se passa por volta de 1840, apresenta todos os elementos de um enredo tipicamente romântico: uma jovem heroína muito bonita e virtuosa, um vilão cruel e imoral, um rapaz apaixonado e dedicado à causa abolicionista. E um final feliz. O trecho reproduzido a seguir foi extraído das páginas iniciais do romance, quando os personagens ainda estão sendo apresentados e caracterizados. Aqui vemos dois deles: Isaura e sua patroa, Malvina.

A ESCRAVA ISAURA

[...]

As notas sentidas e maviosas daquele cantar, escapando pelas janelas abertas ecoando ao longe em derredor, dão vontade de conhecer a sereia que tão lindamente canta. Se não é sereia, somente um anjo pode cantar assim.

[...] *Entremos sem cerimônia. Logo à direita do corredor encontramos aberta uma larga porta, que dá entrada à sala de recepção, vasta e luxuosamente mobiliada. Acha-se ali sozinha e sentada ao piano uma bela e nobre figura de moça. As linhas do perfil desenhavam-se distintamente entre o ébano da caixa do piano e as bastas madeixas ainda mais negras do que ele. São tão puras e suaves essas linhas, que fascinam os olhos, enlevam a mente e paralisam toda análise. A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. O colo donoso e do mais puro lavor sustenta com graça inefável o busto maravilhoso. Os cabelos soltos e fortemente ondulados se despenham caracolando pelos ombros em espessos e luzidios*

rolos, e como franjas negras escondiam quase completamente o dorso da cadeira, a que se achava recostada. [...]

Malvina aproximou-se de manso e sem ser presentida para junto da cantora, colocando-se por detrás dela esperou que terminasse a última copla.

– Isaura!... – disse ela pousando de leve a delicada mãozinha sobre o ombro da cantora.

– Ah! É a senhora?! – respondeu Isaura voltando-se sobressaltada. – Não sabia que estava aí me escutando.

– Pois que tem isso?... Continua a cantar... Tens a voz tão bonita!... Mas eu antes quisera que cantasses outra coisa; por que é que você gosta tanto dessa cantiga tão triste, que você aprendeu não sei onde?...

– Gosto dela, porque acho-a bonita e porque... Ah! Não devo falar...

– Fala, Isaura. Já não te disse que nada me deves esconder e nada recear de mim?...

– Porque me faz lembrar de minha mãe, que eu não conheci, coitada!... Mas se a senhora não gosta dessa cantiga, não a cantarei mais.

– Não gosto que a cantes, não, Isaura. Não de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação, como não tiveram muitas ricas e ilustres damas que eu conheço. És formosa, e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano. [...]
Oh! Não, não cabe em tua boca essa cantiga lastimosa, que tanto gostas de cantar. Não quero – continuou em tom de branda repreensão –, não quero que a cantes mais, ouviste, Isaura?... Senão, fecho-te o meu piano.

– Mas, senhora, apesar de tudo isso, que sou eu mais do que uma simples escrava?

Essa educação, que me deram, e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem?... são trastes de luxo colocados na senzala do africano. A senzala nem por isso deixa de ser o que é: uma senzala.

– *Queixas-te da tua sorte, Isaura?...*

– *Eu não, senhora; não tenho motivo... O que quero dizer com isto é que, apesar de todos esses dotes e vantagens que me atribuem, sei conhecer o meu lugar.*

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. 2. Ed. São Paulo: Moderna, 2004. P. 19-20.

VOCABULÁRIO

Bastas: espessas.

Donoso: gracioso.

Lavor: trabalho de efeito estético ou artístico.

Copla: pequena composição poética, geralmente em quadras, para ser cantada.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

No texto, Isaura é apresentada como uma jovem muito bonita, que sabe cantar e tocar piano e não se parece fisicamente com as outras escravas. Sua patroa, Malvina, faz um comentário sobre Isaura: “*És formosa, e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano.*”

Explique o que Malvina quis dizer com esse comentário.

Habilidade trabalhada

Identificar nas obras literárias estereótipos e discriminações quanto à presença negra e indígena.

Resposta comentada

Antes de responder à questão, é recomendável explicar o contexto social e cultural da época, abrangendo o tema da abolição e da condição escrava, que se tornou, na metade do século XIX, um dos mais fortes da nossa literatura. Mesmo depois da libertação dos escravos, as consequências sociais de tantos séculos de escravidão continuaram (e continuam) a ser temas de discussão.

De acordo com o comentário de Malvina, Isaura era uma moça branca e bela, por isso (segundo a ótica da época) nem parecia ser descendente de mãe africana. Isso deixa subentendido que a beleza não combina com o sangue africano: a “*cor linda*” a que se refere Malvina é a cor branca. O negro, por sua condição social, não poderia ser transformado em herói do romance. Para ser heroína da história, Isaura precisava se distanciar bastante da escrava típica, aquela que se via nas fazendas e ruas do Brasil.

TEXTO GERADOR II

O livro *A escrava Isaura* tornou-se rapidamente uma das obras mais populares do século XIX. Mas não foi o primeiro a tratar do tema da escravidão. Cabe a Maria Firmina dos Reis (1825-1917), escritora maranhense, o destaque de ter sido a autora de *Úrsula*, o primeiro romance conhecido sobre a temática da escravidão no Brasil. Além disso, Reis sobressai por ter sido uma das primeiras romancistas do país.

Úrsula foi publicado em 1859, e a autora identificou-se apenas como “*Uma Maranhense*”, recurso bastante usado no século XIX, principalmente pelas mulheres que se aventuravam na carreira literária.

Esse romance narra a trágica história de amor da jovem *Úrsula* e do bacharel de Direito Tancredo, destaca também o sofrimento dos negros e a crueldade do senhor de

escravos. Mas o que chama a atenção é o tratamento dado ao escravo, a quem a autora dá voz, humanizando-o, num procedimento incomum na literatura da época.

No trecho a seguir, a velha Susana conta como foi aprisionada na África e embarcada num navio negreiro para o Brasil.

ÚRSULA: A ESCRAVA

[...]

Vou contar-te o meu cativo.

Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o mendubim eram em abundância nas nossas roças. Era um destes dias em que a natureza parece entregar-se toda a brandos folgares, era uma manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza. Era a primeira vez que me afligia tão incompreensível pesar. Minha filha sorria-se para mim, era ela gentilzinha, e em sua inocência semelhava um anjo. Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços da minha mãe, e fui-me à roça colher milho. Ah! Nunca mais devia eu vê-la...

Ainda não tinha vencido cem braças de caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava – pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! O que se passou no fundo de minha alma, só vós o pudestes avaliar!...

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de

tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimentos e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratam a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos!

Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte.

Nos dois últimos dias não houve mais alimento. Os mais insofridos entraram a vozear. Grande Deus! Da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que escaldou-nos e veio a dar a morte aos cabeças do motim.

A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade foram sufocados nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades!

[...]

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula: a escrava*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004. p. 116-117. (Fragmento)

VOCABULÁRIO

Mendubim: amendoim

Folgares: (verbo substantivado) prazeres, divertimentos.

Braça: medida equivalente a aproximadamente 2,2 metros.

Potentados: indivíduos ricos e poderosos.

Insofridos: aqueles que não demonstram paciência para sofrer; irriquietos.

Vozear: gritar.

Breu: mistura escura e viscosa usada, entre outras coisas, para calafetar tábuas de embarcações.

REGISTRO DOS RESULTADOS PEDAGÓGICOS DECORRENTES DA IMPLEMENTAÇÃO DO ROTEIRO DE ATIVIDADES

Escolher o romance “*A escrava Isaura*” para trabalhar com os alunos nesse ciclo foi muito produtivo, apesar de muitos alunos sentirem um pouco de dificuldade em relação à linguagem de um texto escrito no século XIX. Durante as aulas procurei chamar a atenção sobre a importância de entendermos nosso passado, para compreendermos melhor nosso presente. Percebi o interesse dos alunos quando entramos na questão do preconceito, fazendo uma referência ao romance e aos dias de hoje. Muitos conseguiram perceber que a idealização da escrava Isaura no romance ocorreu devido à necessidade de adequar a figura do negro escravizado à visão preconceituosa do leitor branco da época. Em relação às questões trabalhadas no roteiro, os alunos apresentaram um bom rendimento.